

**FLORES, V.; BARBISAN, L.; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009, 288p.**

Sírio Possenti\*

A resenha que anunciava a publicação da tradução de *Vocabulário Foucault* (Um pensador traduzido em verbetes, por Rafael Haddock-Lobo, *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, 02/08/2009) dizia, entre outras coisas, que um dos efeitos de trabalhos como este é o de conferir uma certa estabilidade à doutrina do filósofo, desejável por muitas razões e não desejável por outras tantas (ou até mais). Já não sei mais se o resenhista é responsável pelo conteúdo deste resumo brutal, mas creio não estar sendo muito injusto (literalmente, ele dizia que “não se pode de modo algum tentar classificar seu [de Foucault] pensamento sob este ou aquele rótulo...”).

Considero que esta citação, mesmo em sua interpretação forçada, é uma boa forma de anunciar outra obra semelhante, embora não relativa ao trabalho de um autor, e sim a uma corrente de estudos da linguagem, a vertente enunciativa.

Trabalhos como estes, muito úteis, são sempre polêmicos. Lembro-me de algumas resenhas sobre o *Dicionário de Análise do Discurso*, organizado por Charaudeau e Maingueneau (com tradução editada no Brasil pela Contexto), que é, evidentemente, uma operação de intervenção no campo. Mesmo acabando por ter este papel, sempre se poderia esperar, eu acho, que os leitores, pelo menos os não iniciantes ou os não ingênuos, lessem volumes como esses de pé: sem nenhuma reverência, mas também sem sentir-se dominados ou

---

\* Professor da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/CNPq; siriop@terra.com.br

esmagados. No entanto, alguns, talvez por não se sentirem contemplados como eles mesmos o fariam, se tivessem dirigido a obra, saíram a campo com armas em punho. Até mesmo participantes do dicionário chegaram a renegá-lo... depois que outros denunciaram nele alguns problemas. Não sei se o fariam se o *Dicionário* tivesse conquistado uma indesejável unanimidade.

Agora, os brasileiros têm a sua disposição o *Dicionário de linguística da enunciação*. O tópico é, lamentavelmente, desconhecido de quase todos os letrados do país. No entanto, trata-se de um conjunto de teorias da linguagem particularmente interessantes. Suas preocupações fundamentais são o sentido, práticas linguísticas e formas de inscrição do sujeito que fazem com que se esteja sempre nas bordas das diversas pragmáticas e análises de discurso, sem contar questões fundamentais de filosofia da linguagem, mas sempre com uma especificidade que distingue estas correntes de outras.

A obra é organizada por Valdir do Nascimento Flores, Leci Borges Barbisan, Maria José Bocorny Finato e Marlene Teixeira, todos atuando em Universidades gaúchas. Ênfase este dado porque é importante que nos demos conta de que há vários centros de excelência no país, o que não é nada claro para muitos. A equipe que trabalhou para a produção dos 431 verbetes é maior, incluindo nomes de bastante prestígio, frequentemente coordenando subgrupos que se dedicavam a dissecar a obra dos teóricos a que o dicionário se dedica, e outros menos conhecidos, entre os quais se incluem estudantes que atuam nos diversos grupos de pesquisa.

O dicionário é prefaciado por José Luiz Fiorin, que também coordena o grupo que elaborou os verbetes relevantes sobre conceitos da obra de Greimas. A lista em ordem alfabética dos verbetes é precedida, além disso, de “palavras ao leitor”, assinadas pelos organizadores, que fornecem algumas explicações sobre o projeto do dicionário. O fundamental é a informação, que define o caráter (seu viés epistemológico) da obra, de que as diversas teorias da enunciação “noticiadas” (o que já esclarece que há autores não citados) são consideradas a partir de quatro critérios básicos: a) a referência, de alguma forma, à dicotomia língua / fala; b) análises da linguagem que consideram centralmente o sentido (há teorias que consideram que esse lugar pertence à sintaxe); c) a questão das marcas da enunciação, formas de assinalar de maneira bem específica questões de significação;

d) a problemática da subjetividade, ou seja, as diversas maneiras pelas quais as várias teorias da enunciação encaram, definem ou problematizam a questão da subjetividade e sua inscrição na linguagem. Essas delimitações explicam, certamente, porque, por exemplo, Maingueneau não é um autor levado em conta, nem Foucault, mas o são, por exemplo, Charaudeau, ou, especialmente, Flahaut (menciono este nome por ser talvez o menos conhecido por uma comunidade mais ampla, no Brasil, pelo menos).

Em seguida, os autores contam um pouco de sua “aventura”. Basicamente, trata-se de explicitar os cuidados tomados durante o longo trabalho. A questão básica é clássica: palavras não são conceitos, conceitos mais ou menos coincidentes não necessariamente se expressam pelas mesmas palavras (autores têm suas idiossincrasias ou filiações). Daí o cuidado necessário para esclarecer os diferentes conceitos, as diversas entradas etc.

A esse tópico segue-se um guia, que ensina a ler o dicionário, especificamente no sentido de fornecer as indicações documentais sobre os termos considerados. Assim, dado um verbete, informa-se imediatamente de qual autor se fornecerá a definição (se mais de um autor tiver se valido da mesma palavra ou expressão, haverá tantas definições e remessas a autores quantos serão as definições relacionadas a eles). Para o termo *enunciado*, por exemplo, há oito definições, cada uma delas relacionada a um autor. E para o termo *enunciação*, as entradas são nove! Não é casual, aliás, que sejam estes os termos ou conceitos mais especificados. Como se vê pela amostra, o dicionário organiza, mas não homogeneiza. Como era de esperar.

Em alguns casos, as diversas entradas acabam sendo uma informação mais ou menos explícita das mudanças de direção ou de detalhamento da obra de um autor com o decorrer do tempo (e de sua exposição, certamente). Um bom exemplo está nas três primeiras entradas do verbete *enunciador*, que dão conta das diversas definições ou concepções deste *papel* discursivo segundo Ducrot: (1) agente do ato de fala; (2) origem dos pontos de vista presentes no enunciado; (3) origem dos diferentes pontos de vista apresentados no enunciado, a partir da evocação de um princípio argumentativo. Os movimentos teóricos ficam mais ou menos visíveis – e se especificam na nota explicativa que se segue. Além disso, logo em seguida são apresentadas as definições de enunciador segundo Culioli e Greimas. Como

se pode ver, a obra é divertida. Ou seja, está longe de ser um achatamento da diversidade, papel que eventualmente se atribui aos dicionários. Que, quando são bons, registram os “usos”, embora, claro, o façam a partir de pontos de vista – ou seja, de enunciadores...

Além disso, depois de cada verbete há uma pequena lista de termos relacionados (p. ex., ao final do verbete “dêixis”, remete-se aos termos relacionados “indicadores de subjetividade” e “referência”; ao final do verbete “metalinguística”, referido a Bakhtin, os termos relacionados são “discurso”, “enunciação”, “relações dialógicas”). Com isso, arma-se uma teia de relações conceituais extremamente útil (que torna um tipo de leitura – a de tipo informativa – praticamente infundável).

É claro que é impossível comentar todos os verbetes. Particularmente, prestei maior atenção a alguns, um pouco aleatoriamente, de fato, mas não absolutamente ao acaso. Imaginava que, se pudesse considerar bem decididos alguns casos cruciais, isso permitiria um juízo adequado de todo o dicionário, mesmo em relação a autores cuja obra conheço menos bem ou desconheço.

Assim, bisbilhotei conceitos estreitamente relacionados à obra de Benveniste, que achei sempre adequados; à obra de Authier-Revuz, que achei adequados, mas menos “didáticos”: à obra de Greimas, que posso dizer que conheço um pouco, mas cujos detalhes não domino, e tudo pareceu mais do que confiável (quase sempre há um exemplo, uma pequena análise, o que não ocorre em todos os casos – e ajuda demais!). Achei Bally sempre bem apresentado; o mesmo se pode dizer de Bakhtin (apesar de eu achar estranha a repetição exata dos textos que acompanham os verbetes “força centrífuga” e “força centrípeta”).

Não posso deixar de fornecer a lista completa dos autores cuja obra é considerada. Por ela, o leitor pode fazer uma ideia da diversidade das posições sobre as quais terá neste dicionário as informações básicas, bem como de aspectos da “operação” que é produzir uma obra como esta: Jacqueline AUTHIER-REVUZ, Mikhail BAKHTIN, Charles BALLY, Émile BENVENISTE, Michel BRÉAL, Patrick CHARAUDEAU, Antoine CULIOLI, Osvald DUCROT, François FLAHAUT, Catherine FUCHS, Algirdas GREIMAS, Claude HAGÉGE, Roman JAKOBSON e François RÉCANATI.

O leitor sabe, ou verá, que alguns se preocupam mais com as questões postas pela problemática da relação língua/mundo, outros pelas operações internas ao texto por parte do sujeito, outros pelas, com as relações desta visada com as teorias linguísticas correntes etc. Um coquetel muito interessante.

O leitor/estudioso/curioso/interessado tem à disposição uma obra que pode acompanhá-lo com relativa segurança em sua caminhada (deveria haver em todos os dicionários uma nota sobre lugares comuns!), desde que não se trate de um cego, que deve confiar totalmente (ia escrever “cegamente”, mas isso seria insuportável) em seu guia.

Na verdade, no caso, um bom guia também pode – se é que não deve! – ter dúvidas sobre a melhor trilha.